

A GEOGRAFIA REGIONAL

META

Compreender o propósito da Geografia Regional no contexto do movimento tradicional dessa disciplina.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
entender o propósito da Geografia Regional no contexto do movimento tradicional dessa disciplina.

PRÉ-REQUISITOS

Considerando a complexidade do tema, já abordado por diversos autores e considerando ainda, que este texto foi pensado e escrito sob a ótica dos autores mencionados na bibliografia, é recomendável que você faça a leitura da bibliografia indicada no final dessa aula, o que facilitará a sua compreensão, ao tempo em que suprirá as possíveis lacunas do texto.



(Fonte: <http://www.cidadaopg.sp.gov.br>).

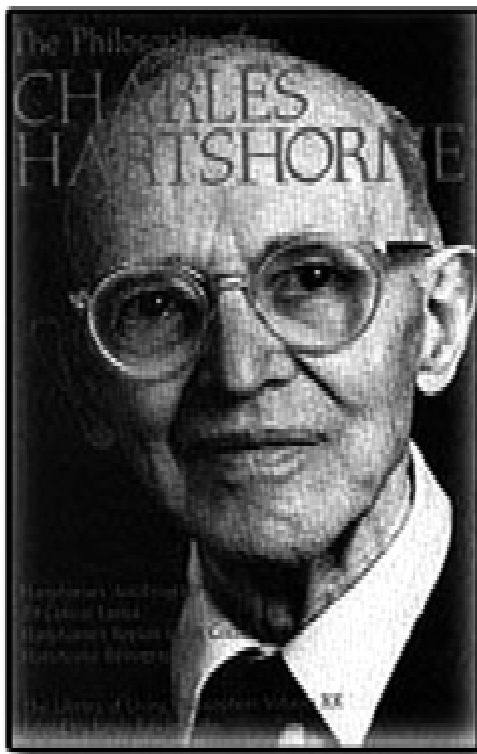
INTRODUÇÃO

Olá, prezado aluno,

Ao longo do processo de desenvolvimento da ciência objetiva, várias questões foram repensadas e novos limites e procedimentos foram estabelecidos. Foi assim que no seio do movimento historicista, emergiu a crítica ao modelo epistemológico físico-matemático do Positivismo. Na Geografia, esse movimento coincidiu com o desenvolvimento da escola regional e da paisagem, com a afirmação do caráter idiográfico da ciência, e com a discussão do Possibilismo. Sob essa atmosfera, a Geografia Regional se apresentou como uma vertente da produção de conhecimento que reagiu a aquele modelo.

A Geografia Regional se estabeleceu no âmbito do pensamento tradicional dessa disciplina e que diferentemente do Possibilismo e do Determinismo, teve como base o Neokantismo.

Chamo a atenção para o fato de que nesse texto, muitos autores foram citados na bibliografia, mas o livro *Perspectivas da geografia* de Antonio Christofoletti, e o livro *Região e organização espacial* de Roberto Lobato Corrêa foram as principais referências para a elaboração dessa aula.



Charles Hartshorne
(Fonte: www.harvardsquarelibrary.org).

A GEOGRAFIA REGIONAL

Vamos relembrar um pouco sobre o contexto histórico de surgimento da Geografia Regional? Esta corrente da Geografia, não se deu de forma isolada, e sim na ebulição da corrente historicista, no século XVIII, expandindo-se ao longo de todo o século XIX. Essa corrente se anunciava como um movimento de oposição ao Positivismo e ao Naturalismo e noticiava uma crítica ao modelo epistemológico físico-matemático do Positivismo, o qual era adequado ao conhecimento dos fenômenos naturais.

O Historicismo se estendeu sob a luz de acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial, a ruína do poder germânico, a Revolução Russa de 1917, a difusão do Marxismo, a República de Weimar, o nascimento do fascismo e do nazismo etc. Os intelectuais não se portaram indiferentemente a tais acontecimentos, e buscaram entendê-los a partir de muitas correntes filosóficas, tais como: neoidealistas, neocriticistas ou neokantianas, espiritualistas, uma vez que havia um desencantamento em relação ao modelo naturalista de cientificidade.

Uma tomada de decisão em relação a esse desencantamento foi o reconhecimento de que havia a necessidade de fundamentar as ciências da natureza e das ciências do espírito, tendo como base os conceitos kantianos. Para atingir esse propósito, Windelband classificou as ciências da experiência em nomotéticas e idiográficas. A primeira, sistemática e matematizada, determinaria as leis gerais que expressariam a regularidade dos fenômenos. A segunda, empírica-descritiva e histórica, se preocuparia com o único ou singular, com os fatos, com as condições circunstanciais no tempo e no espaço, de modo a compreender a especificidade e individualidade do fenômeno. Apoiadas nessa distinção, as ciências da natureza são em geral, as nomotéticas e as ciências históricas são as idiográficas.

Nesse debate delineava-se a separação entre as ciências naturais e ciências humanas e na Geografia, tal debate trouxe a dicotomia entre uma Geografia Física, que já tinha uma forte ligação com a disciplina e a Geografia Humana, que iniciava um rápido desenvolvimento, após a primeira tentativa de sistematização realizada por Ratzel.

Segundo Capel (1988), esse dualismo entre o físico e o humano seria uma ameaça para a continuidade da disciplina. Na Geografia Física estudava-se o meio geográfico e as atividades humanas, o que em outras palavras, era chamado de meio natural, enquanto a Geografia Humana preocupava-se com a distribuição dos aspectos originados pelas atividades humanas.

Sobre essa dualidade Christofolletti (1982), afirmou que no caso das ciências físicas, devido ao:

[...] aparato metodológico mais eficiente das ciências físicas e da esplêndida concatenação teórica elaborada por William Morris Davis, a Geografia Física rapidamente ganhou a imagem de ser a parte cientificamente mais bem consolidada e executada. Praticamente, não havia mais necessidade de preocupações metodológicas e conceituais a seu propósito. (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 13).

Por outro lado, as Ciências Físicas são destituídas de aparato teórico-metodológico para as atividades humanas, e a Geografia Humana sempre se debatia na tentativa de justificar o seu suporte científico, e em estabelecer a sua definição e as suas finalidades como ciência. A esta dicotomia se juntava o conflito conceitual de ser a Geografia uma ciência única, ou um conjunto de ciências.

Então, de um lado, tínhamos a dicotomia entre a Geografia Geral e a Geografia Regional e de outro, a dicotomia entre a Geografia Física e a Geografia Humana, fato que abalava a unidade da disciplina. A Geografia Regional é vista como uma solução visualizada para sanar tal problema, pois a mesma se configurou como um caminho seguro para a sobrevivência da disciplina. A tradição geográfica em uma direção, e as vinculações teóricas do Historicismo em outra, facilitaram e alicerçaram o caminho integrador da disciplina.

Para Christofolletti (1982), a Geografia Regional procurou estudar as unidades componentes das diversas áreas da superfície terrestre. Em cada lugar, área ou região a combinação e a interação das diversas categorias de fenômenos refletiam-se na elaboração de uma paisagem distinta que surgia de modo objetivo e concreto.

A fim de compreender as características regionais, o geógrafo desenvolveu a habilidade descritiva, exercendo a caracterização já estabelecida por La Blache, em 1913. No estudo das regiões e das áreas, o geógrafo começou a esboçar a evolução histórica, e estabeleceu a seqüência das fases que culminaram nas características atuais de uma área ou região. Aqui, se delineou a dicotomia Geografia Geral/Geografia Regional.

A relação Geografia Geral e Geografia Regional interessou profundamente a Hettner, esse autor entendeu que a primeira incluía tanto uma perspectiva geral, adotando conceitos genéricos como também, o estudo dos grandes fenômenos que se estendem por toda a terra ou por parte dela, tais como: a disposição dos continentes, oceanos ou montanhas, a circulação atmosférica geral e a distribuição das raças. Nesse sentido, Hettner definiu a Geografia como:

[...] a ciência que estuda a diferenciação de áreas, isto é, a que visa explicar por quê e em que diferem as porções da superfície terrestre; diferença esta que, para ele, é apreendida ao nível do

próprio senso comum. Para Hettner, o caráter singular das diferentes parcelas do espaço adviria da particular forma de inter-relação dos fenômenos aí existentes. A Geografia seria então o estudo dessas formas de inter-relação dos elementos, no espaço terrestre. (MORAES, 1986, p. 85).

Hettner tinha interesse em manter o caráter da Geografia, e defender a prioridade do enfoque corológico, sem apagar os limites entre o geral e o regional, pois:

[...] na perspectiva corológica, região é a unidade globalizada na qual há interpenetração de todos os aspectos, os físicos e os humanos. Ao estudar a região, o geógrafo podia compreender a totalidade. Esta totalidade, resultante da pluralidade das coisas, assinala a influência relativamente inconsciente que a visão da filosofia de Hegel teve no trabalho geográfico. Esta noção de pluralidade de fenômenos está no âmago do conceito de *paisagem* e criava a possibilidade de considerar as regiões como entidades objetivas, independentes do observador, sendo “objetos concretos” da análise geográfica (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 12).

Baseada nessa premissa, a Geografia Regional utilizaria também, os conceitos gerais, uma vez que, muitos fatos só podem ser estudados de forma geral, mas defendeu que entre uma e outra, não há um corte radical, e sim uma diferença gradual.

Assim, analisando e compreendendo o conjunto inter-relacionado dos aspectos existentes em uma região, considerava-se que cada categoria de fenômeno, em particular, era o objeto de determinada ciência (Sociologia, Economia, Demografia, Botânica, Hidrologia, dentre outras). Essas ciências executavam a análise sobre os assuntos particulares, já que a Geografia, considerando a totalidade, faria o trabalho de síntese, reunindo e coordenando todas as informações a fim de salientar a visão global e totalizadora da região. O caráter sintético da Geografia tornou-a responsável pela sua unidade, fazendo com que essa ciência tenha por objeto o conhecimento das relações que condicionam, em determinado momento, a vida e as relações dos grupos humanos.

Em virtude dessa concepção ampla, todos os acontecimentos ocorridos na superfície terrestre pertenceriam à Geografia. A importância assumida pela síntese é tão grande que Jacqueline Beaujeu Garnier, em 1971, observou que o método geográfico visa analisar uma parcela do espaço concreto, isto é, pesquisar todas as formas de relações e de combinações que podem existir entre a totalidade dos diversos elementos em presença, constituindo assim, a Geografia global.

Como consequência dessa vastidão do campo e da perspectiva sintética, os geógrafos chegam a acreditar que a sua maneira de trabalhar é única e exclusiva, e que a Geografia não é uma ciência como as outras, por possuir métodos próprios e distintos das demais ciências. A Geografia era uma ciência singular.

O MÉTODO REGIONAL

O método regional é considerado um grande paradigma da Geografia, o qual se opõe ao Determinismo Ambiental e ao Possibilismo. Nele, a diferenciação de áreas não é vista a partir das relações entre o homem e a natureza, mas sim por meio da integração e da comparação de fenômenos heterogêneos em uma dada porção da superfície da Terra. “O método regional focaliza assim, o estudo de áreas, erigindo não uma relação causal ou a paisagem regional, mas a sua diferenciação de *per se* como objeto da geografia”. (CORRÊA, 1986, p 14). Ainda conforme esse autor:

[...] o método regional tem merecido a atenção de geógrafos desde pelo menos o século XVII, com Varenus. O filósofo Kant e o geógrafo Carl Ritter, respectivamente no final do século XVIII e na primeira metade do XIX, ampliaram as bases dos estudos de área. No final do século passado, Richthofen estabeleceu o conceito de corologia (integração de fenômenos heterogêneos sobre uma dada área), desenvolvido mais tarde por Alfred Hettner. (CORRÊA, 1986, p 14).

Ainda sob a lente desse autor, foi somente a partir dos anos 40 do século XX, nos Estados Unidos, sobretudo, que a tradição de estudos de área assumiu uma forte expressão, principalmente com as ideias do geógrafo norte-americano Hartshorne. Este por sua vez, “inspirado pela classificação das ciências de Kant, sugere uma separação entre as ciências sistemáticas de um lado e de outro - a Geografia e a História”. (GOMES, 2000, p. 60). Considerando essa perspectiva, Hartshorne entendeu que:

[...] o campo sistemático das ciências naturais está mais próximo do modelo nomotético, enquanto as ciências sociais, pelo caráter único dos fenômenos que estudam (os mesmos fatos não se repetem na história; uma montanha, ou um rio nunca é igual a outro) se identificam muito mais ao modelo idiográfico. (GOMES, 2000, p. 60).

Acrescentou ainda Hartshorne que todas as disciplinas, no entanto, “devem fazer apelo aos dois procedimentos - nomotético e idiográfico - a ciência, aliás, costuma proceder do particular ao geral. Ele reconhece pois

a necessidade de estabelecer esquemas gerais em todos os campos científicos, inclusive na geografia”. (GOMES, 2000, p. 60).

Na sua proposta, Hartshorne formulou conceitos básicos como: os de área e de integração, ambos referidos ao método, o que respalda a cientificidade da Geografia. “A área seria uma parcela da superfície terrestre, diferenciada pelo observador, que a delimita por seu caráter, isto é, a distingue das demais”. (MORAES, 1986, p. 88). Esse autor acrescentou que tal “delimitação é um procedimento de escolha do observador, que seleciona os fenômenos enfocados; dependendo dos dados selecionados, a delimitação será diferente (pois a abrangência destes varia desigualmente)”. (MORAES, 1986, p. 88). Assim, na verdade:

[...] a área é construída idealmente pelo pesquisador, a partir da observação dos dados escolhidos. Desta forma, a área seria um instrumento de análise (semelhante ao tipo ideal de Max Weber), ao contrário da região ou do território, que eram vistos como realidades objetivas exteriores ao observador. (MORAES, 1986, p. 88).

A região para Hartshorne representa o campo empírico da observação e o campo das verificações das leis gerais, é também o local, onde se manifesta “o pleno encontro do homem, com a cultura, com o ambiente, com a natureza; a região é a materialidade desta inter-relação, é também a forma localizada das diferentes maneiras pelas quais esta inter-relação se realiza”. (GOMES, 2000, p. 62). Por isso, o conceito de região era visto como o conceito capaz de promover a união entre as ciências humanas e as ciências da natureza.

É importante frisar que Hartshorne, não adotou a região como o objeto da Geografia, uma vez que para ele, o mais importante é o método de identificar as diferenciações de área, que resultam de uma integração única de fenômenos heterogêneos. Quanto ao conceito de integração, Hartshorne argumentou que:

[...] os fenômenos variam de lugar a lugar, que as suas inter-relações também variam, e que os elementos possuem relações internas e externas à área. O caráter de cada área seria dado pela integração de fenômenos inter-relacionados. Assim, a análise deveria buscar a integração do maior número possível de fenômenos inter-relacionados. (MORAES, 1986, p. 88).

Nesse debate tanto Hartshorne, como Hettner, viram no método corológico, a possibilidade de unificação do campo de pesquisas físico e humano na Geografia, e o conceito de região permitiu a síntese destas relações complexas.

CONCLUSÃO

Historicismo surgiu em oposição ao Positivismo e ao Naturalismo, no século XVIII, e teve uma forte influência na Geografia provocando uma grande discussão no seio dessa ciência, que se fez em torno do dualismo: Geografia Física- Geografia Humana; Geografia Geral-Geografia Regional.

Essas discussões fomentaram o debate, ao tempo em que se possibilitou uma releitura dos seus conceitos. Cabe ao geógrafo entender e avaliar, no contexto do seu surgimento, os pontos positivos e negativos do Historicismo na Geografia.



RESUMO

No final do século XIX e nos primeiros decênios do século XX, uma forte crise se espalhou na Europa em torno da concepção positivista de ciência. Tal crise possibilitou o desenvolvimento do Historicismo, que surgiu como um movimento de oposição ao Positivismo e ao Naturalismo, no século XVIII, e foi se afirmando ao longo de todo o século XIX.

Foi assim que no seio do movimento historicista, emergiu a crítica ao modelo epistemológico físico-matemático do Positivismo. Na Geografia, esse movimento coincidiu com o desenvolvimento da escola regional e da paisagem, com a afirmação do caráter idiográfico da ciência, e com a discussão do Possibilismo. Sob essa atmosfera, a Geografia Regional se apresentou como uma vertente da produção de conhecimento que reagiu a aquele modelo e solucionaria o problema das dicotomias que ameaçavam o caráter integrador da Geografia.



ATIVIDADES

1. Destaque a importância do método regional para a Geografia.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A importância do método regional para a Geografia é um tema que permeia todo o texto. Dessa maneira, a partir de uma releitura do mesmo você conseguirá responder a questão colocada.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, você vai conhecer o que se denominou de movimento de renovação da Geografia. O primeiro movimento que você vai estudar é o Neo-Positivismo e a sua influência na Geografia.



AUTO-AVALIAÇÃO

Agora que você terminou a sua leitura, indique o nível de compreensão deste texto:

Excelente (...)

Bom (...)

Regular (...)

Ruim (...)



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Ática, 1987.

CAPEL, Horacio. **Filosofia y ciencia em la geografía contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1988.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. (org). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

_____. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.).

Geografia: conceitos e temas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

FALCON, Francisco José Calazans. **História Cultural**: uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993. (Série Educação).

GOMES, Paulo César da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.).

Geografia: conceitos e temas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.

JOHNSTON, R. J. **Geografia e Geógrafos**: a geografia humana anglo-americana desde 1945. São Paulo: Difel, 1986.

REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: do Romantismo até os nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991, v.3. (Coleção Filosofia).